

Escolas públicas já tiveram seu passado de sucesso

Eliane Bardanachvili

Se hoje faz parte do senso comum esperar pouco ou nada do ensino público de 1º e 2º graus, houve tempo em que aboletar-se numa carteira de escola municipal, estadual ou federal era motivo de disputa acirrada pela garantia de boa formação. Por incrível que pareça — principalmente para quem, hoje, não tem outra saída para o bolso a não ser depender da escola pública —, trocar escola particular por pública já foi uma opção, mais que uma necessidade. Tempos em que os alunos liam Camões e estudavam Latim, aprendiam raiz quadrada, música e desenho. E em que essas escolas eram capazes de prepará-los para um futuro profissionalmente bem sucedido.

Foi na Escola Estadual André Maurois, no Leblon, nos anos 60, que o então estudante do curso científico, Bruno Barreto, diretor do celebrado *Dona Flor e seus Dois Maridos*, fez o primeiro filme. Ali estudaram, ainda, o roqueiro Evandro Mesquita e a educadora Paula Saldanha. Foi também numa escola do estado que o escritor gaúcho João Gilberto Noll, cinco livros publicados — de um deles, *O cego e a dançarina*, foi pinçado o conto que virou enredo do filme *Nunca fomos tão felizes* —, adquiriu base para dar largas ao espírito criador. O mesmo aconteceu mais ao norte do país com o escritor João Ubaldo Ribeiro, no Colégio Estadual da Bahia, em Salvador, onde foi colega de Gláuber Rocha, e, com o juiz da 44ª Vara Cível, em Jacarepaguá, no Rio, Jádriel Jordão, aluno do Colégio Municipal Brigadeiro Schorcht, também em Jacarepaguá.

"Tive uma professora de Geografia que, além das atividades normais de aula, construía conosco mapas em alto relevo para estudar clima e vegetação", recorda-se Jádriel. Para todos os concursos que prestou, desde o vestibular até os que o promoveram no magistério, ele orgulha-se de nunca ter precisado de cursinhos preparatórios. "Estudei com a base que tive no Brigadeiro", conta.

Começo da queda — A trajetória descendente que veio descrevendo o ensino público começou na década de 50, segundo o secretário estadual de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, José Pelúcio, membro do Conselho Estadual de Educação. "Foi a época do desenvolvimento, quando o governo começou a se preocupar com a abertura de estradas e foi deixando, aos poucos, a tarefa de educar para as escolas privadas", explica ele. Quando estudava no Colégio São Bento, no Rio, no começo da década de 40, recorda-se José Pelúcio, era motivo de orgulho para a tradicional escola privada ter em seu quadro de docentes três ou quatro professores do Colégio Pedro II, público.

Esse quadro tão oposto ao que se vê

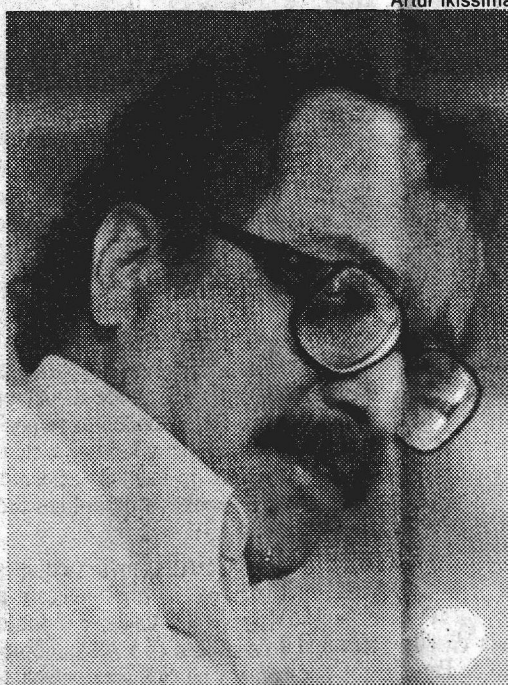
hoje, marcado pelo florescimento de escolas públicas cobiçadas, como o André Maurois, no Rio, e o Colégio Estadual da Bahia, em Salvador, ainda persistiu pelo menos por duas décadas, até a reforma do ensino, de 1971, na gestão do ministro da Educação Járbas Passarinho. Ela criou os cursos profissionalizantes de segundo grau e extinguiu o exame de admissão ao ginásio, numa tentativa de tornar o ensino mais acessível, acarretando de vez o declínio da qualidade das escolas públicas. É a análise do educador Lauro de Oliveira Lima, dono da escola piagetiana Chave do Tamanho, na Gávea, e diretor de ensino do Ministério da Educação, na década de 50 — "um cargo mais importante e cobiçado do que o de ministro", lembra ele, para mostrar como o ensino primário e secundário já tiveram mais peso.

"Tudo o que aumenta em quantidade perde em qualidade", analisa o educador. Para ele, a reforma do ensino primarizou o curso ginásial. Extinguindo o exame de admissão, estendeu ao ginásio, até então mais sólido e com currículo estruturado, a "frouxidão" do curso primário, onde "cada professor fazia o que queria e não havia programas oficiais".

Bons profissionais — A educadora Henriette Amado, diretora, entre 1956 e 1972, dos colégios André Maurois (estadual) e Brigadeiro Schorcht (municipal) — o primeiro deles muito disputado pela classe média da Zona Sul do Rio —, acredita que o principal motivo da decadência do ensino público é a desqualificação do professor. "Minhas escolas funcionaram porque eu reuni ali os melhores professores. A qualquer tempo, se isso acontece, o ensino está garantido", afirma Henriette, que se orgulha até hoje de revelar os índices de quase 80% de aprovação de seus alunos no vestibular. "Havia um professor de Física que pedia para dar aulas aos domingos para os alunos". Ela lembra, no entanto, que enquanto dirigiu suas escolas, o assunto salário jamais precisou fazer parte da conversa dos professores. "Por isso podíamos nos empenhar".

No Brigadeiro Schorcht, em Jacarepaguá, com a totalidade dos alunos de origem humilde, era comum os pais quererem tirar seus filhos da escola após concluírem o ginásio, para que fossem trabalhar. "Eu fiz uma reunião de pais, tirei o cinto da calça de um deles e os ameacei, com o cinto no ar, dizendo que não se atrevessem a fazer isso. Se os filhos estudassem mais, poderiam ter empregos melhores", conta Henriette.

Um dos resultados da formação que seus alunos receberam ela verifica a cada ano, quando recebe a visita de muitos deles, em seu aniversário. "Eles iam de chinelo para a escola e agora todos vêm de carro me visitar".



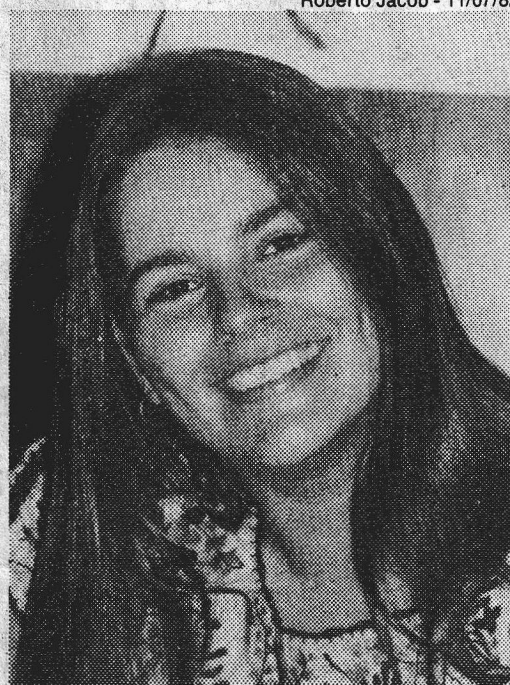
Artur Ikissima

João Ubaldo Ribeiro — Filho de pais "obessivos por educação", o autor de *Viva o Povo Brasileiro* só frequentou colégios públicos — o primário fez no Colégio Estadual de Sergipe e o clássico, no Colégio Estadual da Bahia, o *Central*, como era conhecido. "Fui porque era bom", afirma. João considerava o *Central*, para onde entrou em 1955, uma verdadeira universidade. "É triste pensar como decaiu. Ninguém manda os filhos para lá agora", lamenta. Para estudar no *Central*, era preciso ser bom aluno, garante João, que se recorda de vários colégios particulares da Bahia, onde os pais pagavam para que as notas de seus filhos fossem aumentadas. "No *Central*, havia uma secretária, a dona Melânia, que era incorruptível", diverte-se lembrando.

Adriana Lorete



Paulo Marchiori Buss — Para o sanitário de 39 anos, vice-diretor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, foi o regime militar que nos anos 60 e 70 promoveu a perda do compromisso do serviço público com a população. "Com o autoritarismo perdeu-se a participação dos pequenos atores sociais, como os diretores de escola e os professores, na administração. O projeto social coletivo esmoreceu", diz. Ele estudou do primário ao científico em escolas públicas no interior do Rio Grande do Sul, de 1955 a 1967. Laboratório com experiências ao vivo para aprender a destilação da água e a germinação das sementes, três aulas de Música semanais com direito a ler partituras, campeonatos de esportes, são algumas de suas recordações do tempo de escola.



Roberto Jacob - 11/07/82

Paula Saldanha — Para entrar no disputado Colégio Estadual André Maurois, no Leblon, onde estudou no ginásio e no científico, a educadora, apresentadora de televisão e dona de uma produtora de vídeos, não precisou fazer muito esforço. Tinha boa base adquirida em outra escola pública, a Joaquim Manoel de Macedo, em Paqueta, onde estudou no começo dos anos 60. Nesta, Paula, 35 anos, recorda-se de ter que fazer duas redações por dia. Em todas as matérias havia "a mesma rigidez e cobrança". Mãe de dois filhos, na 5ª e 6ª séries, Paula acha que a escola, hoje, tem pouca preocupação com o raciocínio da criança. "Eles escrevem pouco", constata. Acha que o André Maurois nada deixava a desejar ao Colégio São Vicente, particular, onde estudam seus filhos.

Ari Barcelos — De origem humilde, o executivo de 47 anos que preside a Fundação Eletrobrás de Seguridade Social (Eletros), galgou os primeiros degraus rumo à Eletrobrás — onde trabalha há 23 anos — e ao posto que hoje ocupa como assistente da diretoria da estatal, no Colégio Municipal Brigadeiro Schorcht, em Jacarepaguá, e na Escola Técnica Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado, Rio, na década de 50. Na primeira, onde estudava dez horas por dia e tinha aulas de artes plásticas, representava peças de teatro inteiras em latim — "era a maneira criativa de os professores ensinarem". A segunda ele atribui o fato de ter enveredado pelas Ciências Contábeis, o que lhe valeu o emprego na Eletrobrás. "Passei a gostar do assunto graças ao professor Julio de Assunção Barros, que me cobrava exercícios diários e me orientou muito na vida. Era um tempo em que o professor tinha um compromisso com o aluno", diz ele.

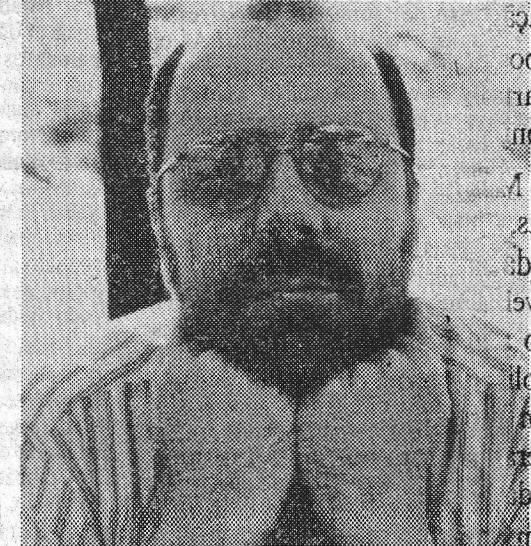
Cláudio Paiva — O humorista de 31 anos, redator do programa *TV Pirata* e fundador do jornal *Planeta Diário*, acredita que viveu a fase de decadência do ensino público. "Após os primeiros anos do ginásio, havia cursos de línguas, logo desativados; os laboratórios não funcionavam e tive que pedir para trabalhar no ateliê de um artista plástico para me formar em artes como queria". Ele estudou no colégio Joaquim Távora e no Liceu Nilo Peçanha, ambos em Niterói, na segunda metade dos anos 60. Mas ressalta uma qualidade: o convívio social. "Na minha patota, havia filho de piloto de barca, filho de sapateiro e um menino que tinha casa em Cabo Frio e já havia viajado para a Disneylândia". Desejando o mesmo tipo de convívio para a filha de 10 anos, matriculou-a há três na Escola Minas Gerais, na Urca, de onde ela saiu este ano, rumo à escola particular, após uma constatação: "Na minha época já era ruim. Agora é muito pior".



Paulo Ricardo - 17/11/88

Evandro Mesquita — Liberdade com responsabilidade, o lema do André Maurois, instituído pela diretora Henriette Amado, foi o que mais marcou o roqueiro e ator de 39 anos, aluno da escola no final da década de 50, junto com o poeta Chacal. "Nós íamos de calças jeans para a escola, e uma vez, ajudamos a pintar o prédio", recorda-se. Tornar-se bom aluno de redação e inglês refletiu-se no vestibular que prestou para Educação Física. Foi motivo de orgulho para Evandro ser um dos primeiros a entregar as provas dessas matérias, com as questões resolvidas. "Eu era bom no futebol também", faz questão de acrescentar. Ele se recorda da exibição de filmes na escola e dos debates que havia depois. "Uma escola que fez a minha cabeça", garante.

Fernanda Mayrink - 07/06/89



João Gilberto Noll — Entrar para o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, em 1964, e abandonar o colégio marista, particular, onde estudava, foi um marco na vida do escritor gaúcho de 43 anos. As árduas provas que fez para entrar abriram as portas para as dez aulas semanais que passou a ter de Português e que o incentivaram a ser escritor, e para que ele passasse, por exemplo, a gostar de Geografia — "na escola marista, era só cópia, ninguém pensava; no Júlio de Castilhos, a professora nos mandava pesquisar na biblioteca pública" — e de Latim, cuja professora havia se formado na Sorbonne, em Paris. Ele lamenta a decadência em que a escola está hoje. "Estão até organizando um movimento para ver se recuperam o colégio", conta.